

Hora íntima

Linhares Filho

Na Alemanha, de novo celebramos
nossa união de amor. São trinta e cinco
anos de um adorar entre reclamos
dos dois por mais prazer, embora o vinco
outonal já nos manche e seque os ramos
do imo, em nós contrastando o chumbo e o zinco
com o verão exterior. Porém amamos:
no peito um marco desta hora fino.
Pássaros cantam, esperando agosto,
e tecem sob o sol um clima terno
para um idílio isento de desgosto.
Caíam depois os temporais do inverno:
à lareira, estará cada um disposto
a confessar ao outro amor eterno.

Köln, 9.7.2000

Canto de afeto e gratidão a Köln

Linhares Filho

1

Preciso decantar os teus encantos
de cidade, apesar de antiga, tão moderna.
Cantar-te o pitoresco e o musical,
o majestoso e o belo.
Da imponência de tua catedral,
o teu maior cartão postal,
à verdura dos teus parques,
um só feitiço és tu, a despertar afeto.
Depois de te agitares pelas ruas,
te espreguiças sensual por sobre o Reno,
por barcos singrado
ligeiros ou lentos.
Barcos em que acenam as bandeiras
das mais variadas cores.
Alguns conduzem carga; outros, seres felizes.
E te despedes, a cada hora,
dos trens que partem para outros países.
Queixas de Loreley no encantamento
arrepiam as águas do teu rio.
Águas que a tantos lances assistiram
da tumultuada história da Alemanha
com rendições, triunfos, teimosia...
Vislumbro recolherem os teus mortos de guerra
os braços solidários das Valquírias...
Bastará o nome ler de Friedrich Barbarossa,
que numa praça está, para que já se possa
reconstruir o poder do Sacro Império,
passando em cavalgada por teu solo,
após a sagração real de Aix-la-Chapelle...

Com o resto do país atinges sempre ideais,
e o teu agora em teu melhor ontem se mira.
Quer te cante com cítara, ou guitarra, ou lira,
dou-te versos de amor, porque ao seio me atraís.

2

Tiritas de frio em teus invernos
e te reanimas ao sol do verão,
saudada por ramagens, pelo canto
insistente dos teus pássaros,
que mais cantores são na Marienburgstraße.
Embora sendo saxônica,
revelas traços da latinidade
pela dominação romana em ti deixados,
e por isso é que és Colônia
com uma *Weltanschauung* singular.
Tua face é de flores,
que ostentas em jardineiras
ou na formosura das mulheres,
e te enches do esplendor e dons de Ceres.
Dos teus ares se captam e na surdina se ouvem
trechos de Goethe, Rilke, Hölderlin, Novalis...
como de Wagner, Liszt, Mozart e Beethoven...
Tens sabor de cerveja ou de bom vinho,
orégano, vanilha, rosmaninho...
e recendes o aroma
da *Original Eau de Cologne*.
Ouço-te difundir, a cada instante,
pelo poder de tua sedução:
Deutschland ist schön!
Ora pagã, ora mística, te envolve
o espírito de Santa Úrsula
ou caprichos de vestais.
Quer te cante com cítara, ou guitarra, ou lira,
dou-te versos de amor, e não te esqueço mais.

3

Quero vir sempre a ti,
e gozar dos teus ares e verdores,
do harmonioso aconchego dos teus logradouros,
de tua paz após os vexames da guerra.
Vir para andar na precisão dos teus elétricos,
sentir teu trânsito perfeito,
passear na agitação
ou na calma de tuas praças e ruas,
vendo-te em véus de névoa ou clara e nua.
Degustar-te em petiscos na Rudolfplatz,
ouvir-te por caixas de músicas românticas,
por conjuntos de som de todos os estilos
em festivas manhãs de Schildergasse.
Recolher-me a rezar em tua catedral,
edificada em gótico e repleta
da arte mais fina em ícones, vitrais,
e onde se escuta sempre um órgão,
mesmo quando ninguém o toca,
fazendo ecoar pelas arcadas,
que parecem suster o peso de uma fé,
a melhor música de Bach.
Junto a um bronze da Universidade,
numa concentração, pressentir
que pontifica ainda, com imortais lições,
teu Santo Alberto Magno.
E, depois de exercer, pelas águas do Reno
e sob a sombra de árvores antigas,

a missão de poetar,
e depois de em teu seio Ser- com- alguém
(o heideggeriano *Mitsein*)
através de atitudes e palavras,
dar por mim, ó cidade, te afirmando,
a ti, porque me encantas e me abrigas
e me sugeres íntimas cantigas;
a ti, que és *Sehnsucht* como Lavras
e como esta uma fonte nunca estanque:
danke! danke! vielen Dank!

Köln, 15.8.2000